

LEITURA NO DEFICIENTE AUDITIVO:
REFLEXÕES EM TORNO DA TÉCNICA DE CLOZE*

Maria Silvia Cárnio

PROFESSORA-ASSISTENTE NO DEPARTAMENTO
DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UNESP-MARÍLIA

Resumo

O presente artigo discute as dificuldades de compreensão de leitura enfrentadas pelos alunos deficientes auditivos. Salienta a necessidade do uso de metodologias e materiais de leitura adequados, enfatizando a técnica de Cloze como um instrumento valioso para desenvolver a compreensão de leitura dessa população específica.

Abstract

This paper is about a particular difficulty faced by impaired hearing schoolchildren, that is, to understand (to read) written texts. It has been pointed out that the use of adequate reading methods and materials is absolutely essential; it has also been shown the importance of the Cloze technique in dealing with this specific population.

Os deficientes auditivos, quando iniciam o processo de aprendizagem de leitura, de um modo geral, conseguem aprender com relativa facilidade a decodificar os símbolos gráficos. No entanto, devido às suas limitações quanto à exposição à linguagem oral, apresentam muitas dificuldades na compreensão dos textos, não conseguindo perceber ambiguidades, insinuações, ironias, ou seja, conseguem, quando muito, perceber a estrutura superficial das orações, mas não compreendem a estrutura profunda das mesmas.

* Trabalho apresentado no III Encontro Internacional de Audiologia, realizado na PUC-SP em março de 1988.

O seguinte diálogo serve de ilustração para o que se acabou de dizer: Um menino está pescando com seu tio enquanto a mãe os observa a uma certa distância. O menino pergunta ao tio: "A mãe não vem pescar?" O tio responde: "Ela disse que vai assar os peixes no dedo." A compreensão de leitura deste diálogo, por um deficiente auditivo, geralmente será a de uma estrutura superficial, ou seja, ele vai 'acreditar' que a mãe vai assar os peixes no dedo. No entanto, esse 'acreditar' não acontecerá com naturalidade, pois o deficiente auditivo vai perceber que ninguém consegue assar nada no dedo e vai achar essa frase muito inadequada na sua concepção. Ele não conseguirá perceber a estrutura profunda desta oração, ou seja, que a mãe quis dizer que os dois personagens não conseguiriam pescar nada. Gibson e Levin (1975) e Crandall (1978) demonstraram que os alunos deficientes auditivos apresentam geralmente um atraso de três ou quatro anos em relação aos alunos ouvintes da mesma idade, e que, raramente, conseguem atingir um nível de leitura igual ou superior ao de 8ª série do primeiro grau.

Os resultados de uma pesquisa por mim realizada, onde comparei o desempenho em compreensão de leitura de alunos deficientes auditivos e ouvintes de 3ª, 4ª e 5ª séries do primeiro grau, confirmam essa afirmação. Os alunos ouvintes foram significativamente superiores aos deficientes auditivos, encontrando-se mais de dois anos de defasagem entre eles.

Alguns pesquisadores (Moore, 1970; Kazmierski, 1973; Tebaldi, 1981; Robbins e Hatcher, 1981 e Sarachan-Deily, 1982) chegaram à conclusão de que o déficit sintático é o principal fator responsável pelas dificuldades em compreensão de leitura do deficiente auditivo. Concordo com esta posição, pois os resultados de uma pesquisa realizada por mim, indicaram que os deficientes auditivos, freqüentemente, apresentam estruturas frasais incompletas ou inadequadas, geralmente com omissões de palavras relacionais, como por exemplo: conjunções e preposições, sendo que seus enunciados são simples, algumas vezes, com inversão dos elementos dentro dos mesmos e, muitas vezes, não sofrem as transformações sintáticas necessárias.

Embora as maiores dificuldades a nível de compreensão e leitura do deficiente auditivo estejam no aspecto morfo-sintático, percebo que devido às limitações auditivas, os conceitos mais abstratos são difíceis de ser incorporados, sendo que se torna um problema sério para eles conhecer o valor sintático-semântico das palavras relacionais.

Kazmierski (1973) fez uma revisão da literatura para verificar as causas das dificuldades de compreensão de leitura dos surdos e como resultado obteve duas posições diferentes: (1) as experiências deficientes de linguagem provocam o baixo nível de aquisição de leitura dos surdos; (2) a linguagem do surdo não é DEFICIENTE, ela é DIFERENTE quanto à formação de sentença e uso de informações de linguagem na compreensão de leitura.

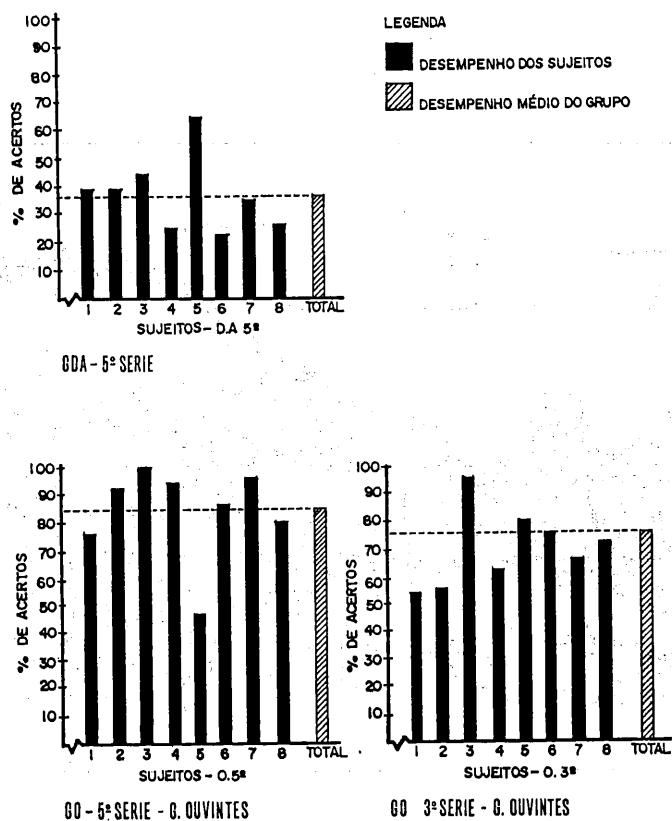


FIGURA 1

Comparação de desempenho em compreensão de leitura de um texto dos alunos ouvintes de 3ª e 5ª séries do primeiro grau com os alunos deficientes auditivos de 5ª série do primeiro grau.

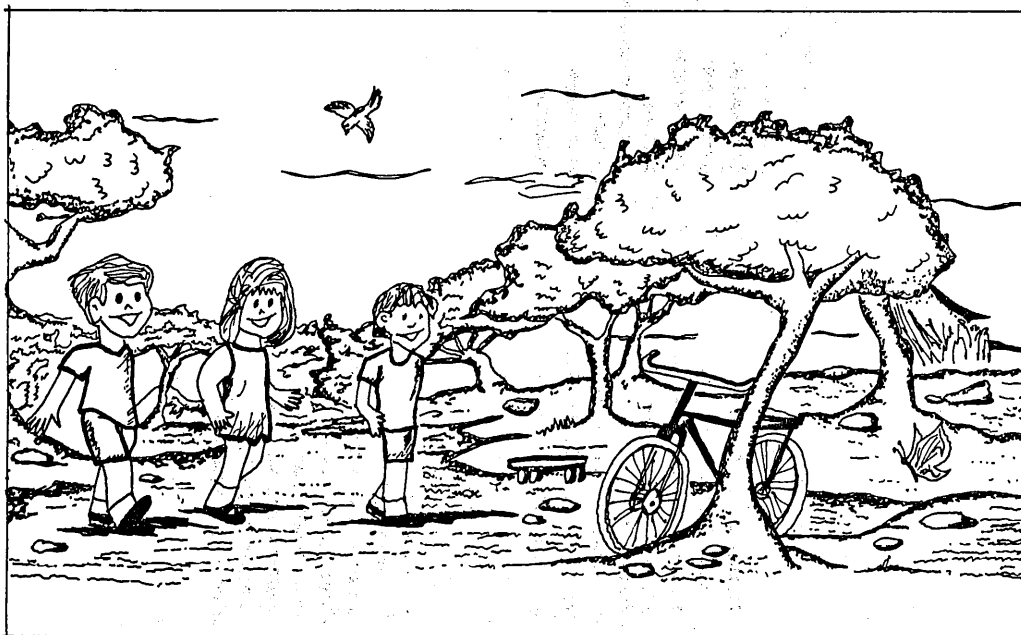


FIGURA 2

Figura usada na prova de Descrição Escrita: Pós-Teste

1 O menino e o menino e a menina
 2 foi passear ▲ a floresta.
 3 O menino viu uma bicicleta ▲
 4 árvore.
 5 A menina vai pegar uma
 6 bicicleta.
 7 A menina foi passear ▲ a
 8 bicicleta.
 9 O menino e o menino ficam ▲
 10 a floresta..
 11 A menina voltar ▲ a bicicleta.
 12 O menino foi passear ▲ a bicicleta.
 13 O menino e a menina ficam ▲ a
 14 floresta.
 15 O menino voltar ▲ a bicicleta.
 16 O menino traga e o menino
 17 foi passear ▲ a bicicleta.
 18 Depois, o menino desceu; a bicicleta
 19 ▲ árvore.
 20 O menino e o menino e a menina
 21 foi embora ▲ a floresta.

S - 49 Sêrle - idade 14,8 anos - Esc. Esp. ; DA, bilateral severa
 Legenda - ○ erro ; ▲ omissão de letras ou um ou mais vocábulos ; = ausência de transformações

FIGURA 3

Descrição escrita sobre a figura 2: Pós-Teste

O autor relata vários estudos que confirmam que, durante a leitura, os surdos fazem uso de informações gramaticais e semânticas. Sugere que, se esses estudos forem válidos, a solução para o problema de compreensão de leitura do deficiente auditivo está no aumento de pistas gramaticais e semânticas na construção de textos.

Na minha opinião, essas duas posições são diferentes mas não contraditórias, pois uma vez que os deficientes auditivos têm experiências de linguagem incompleta, isso provocará um baixo interesse por atividades que envolvam linguagem, inclusive a leitura. Sabe-se que a motivação é um fator importante para o desenvolvimento da compreensão de leitura; portanto, enquanto o deficiente auditivo não se sentir motivado para ler, ele será deficiente na execução dessa tarefa. A partir do momento em que houver motivação para tal, ele fará uso de determinadas informações gramaticais e semânticas, que permitam assim a superação de suas dificuldades na compreensão de leitura.

Observa-se que os alunos deficientes auditivos lêem muito pouco, ou seja, a maioria fica restrita à leitura de livros didáticos adotados em sua série escolar e, conseqüentemente, lêem somente dentro de suas escolas, não tendo um contato maior com a leitura nas situações do dia-a-dia. Dessa forma, não apresentam motivação para ler em outro ambiente que não seja o escolar, e deixam de ter acesso a uma variedade enorme de informações que lhes seriam úteis para seus relacionamentos sociais e seus desenvolvimentos de um modo geral.

A situação torna-se crítica uma vez que vários estudos (Marini, 1980; Molina, 1987) têm demonstrado a inexistência de uma seleção criteriosa e adequada na escolha dos livros didáticos.

Por outro lado, se o deficiente auditivo não for trabalhado em leitura através do livro didático, ele provavelmente lerá textos montados por seu próprio professor. Penso que o fato de o professor montar seus próprios textos pode ser muito válido, desde que os textos sejam hierarquizados por ordem crescente de dificuldade e promovam um crescimento do nível de leitura do aluno compatível com o nível de escolaridade do mesmo. No entanto, no Brasil, de um modo geral, observa-se uma tendência muito grande por parte dos educadores de deficientes auditivos em simplificar demasiadamente os textos de leitura para esse tipo de população. Se, por um lado, essas simplificações asseguram, naquele momento, uma melhor compreensão de leitura para esses indivíduos, por outro lado, nota-se que elas dificultam a generalização do hábito de ler. Geralmente, os deficientes auditivos que estão acostumados a ler pequenos trechos de textos didáticos simplificados não são capazes de ler outros tipos de textos (como por exemplo: revistas, jornais e manuais de Instrução), pois

não conseguem compreender os mesmos e, conseqüentemente, tornam-se desmotivados para isso.

A técnica de Cloze, proposta inicialmente por Taylor em 1953, parece ser ideal para desenvolver a generalização do hábito de leitura, pois fornece subsídios para que os deficientes auditivos compreendam adequadamente o conteúdo dos textos lidos.

A técnica de Cloze consiste na apresentação de uma série de textos, tendo em média 200 vocábulos, sendo que são retirados de cada texto um mesmo número de vocábulos (geralmente 40), deixando-se espaços em branco no lugar dos mesmos. Inicia-se uma contagem a partir da segunda oração, eliminando-se sistematicamente as quintas palavras de todo o texto. Deixam-se intactas a primeira e a última oração do texto, cabendo aos sujeitos a tarefa de tentar adivinhar as palavras que foram omitidas, bem como preencher as lacunas com as mesmas (Marini, 1980; Braga, 1981). Após o preenchimento do texto, são distribuídas aos alunos folhas para correção, sendo que os critérios utilizados nesse momento são modificados de autor para autor.

A partir da proposta inicial de Taylor, tem ocorrido uma série de variações sobre essa técnica, no tangente a: tamanho da lacuna, classe gramatical do vocábulo omitido, espaçamento entre as lacunas e a posição destas na sentença, modificando-se essas variáveis de acordo com os objetivos dos autores. Para uma perspectiva, veja-se o texto de César, (s/d) preparado com a técnica em tela:

Na casa velha da praia

Joca abriu uma janela. Juca abriu a outra. O sol inundou o quarto -- casa velha. Os meninos viram o mar lá fora.

-- -- -- --, vamos pra praia?, pediram os dois.

-- Vocês prometeram que -- -- descansar um pouco.

Mas Joca e Juca já corriam -- direção ao mar, naquele primeiro dia de férias.

Foram -- -- de novo os velhos amigos dos anos passados. As -- -- -- -- do quintal. O mar de ondas brancas, sempre as -- -- -- --. As pedras, naquele canto da praia, e as ondas -- -- nelas batiam barulhentas.

Joca fez castelos de areia. Juca -- -- -- -- fez.

Passou um menino correndo:

-- Eu sei onde tem -- -- -- -- de monte!

Juca e Joca saíram atrás dele.

Quando voltaram para casa, traziam uma cesta cheinha de caramujos.

Segundo Kazmierski (1973), a técnica de Cloze tem sido utilizada como técnica instrucional, ou como instrumento de pesquisa, principalmente nas seguintes áreas: inteligibilidade de textos, avaliação de leitura e instrução de leitura.

O autor constatou que a utilização da técnica de Cloze para deficientes auditivos vem acontecendo desde 1967, em pesquisas com diferentes objetivos: (1) treinar habilidades de leitura; (2) desenvolver a aprendizagem verbal; (3) avaliar a percepção linguística e psicológica da criança surda, no uso de informações contextuais; e (4) desenvolver a compreensão de leitura.

Os resultados, de um modo geral, sempre demonstram que a técnica de Cloze é um instrumento útil para a obtenção dos objetivos propostos.

No Brasil, a técnica de Cloze vem sendo muito utilizada nas áreas de Linguística, de Psicologia e de Educação. No entanto, em um levantamento bibliográfico por mim realizado, não se localizou nenhum trabalho publicado que fizesse uso da técnica de Cloze aplicada a deficientes auditivos.

Em 1986, realizei dois estudos utilizando a técnica de Cloze para essa população. Os resultados demonstraram que a técnica de Cloze é um excelente instrumento para avaliar a inteligibilidade de textos; e, embora estatisticamente não se tenha obtido valores significantes, pode-se dizer que a nível qualitativo, essa técnica desenvolveu aspectos relacionados à compreensão de leitura (Cárnio, 1986).

Com base em dados da literatura e na minha experiência profissional, posso afirmar que a técnica de Cloze apresenta uma série de pontos positivos: (1) é motivadora; (2) apresenta alto índice de aceitabilidade e conseqüentemente desperta interesse por leitura; (3) avalia habilidades e inadequações linguísticas; (4) desenvolve a compreensão de leitura do deficiente auditivo; (5) avalia a inteligibilidade de texto; (6) oferece alta confiabilidade, pois os resultados são fáceis de ser comparados; (7) os textos são de fácil elaboração e permitem variações e adaptações de acordo com as necessidades dos sujeitos; e (8) enfatiza pistas de linguagem.

Como pode ser notado, esses pontos vão ao encontro das necessidades dos deficientes auditivos e dos profissionais que atuam com esses sujeitos na área de leitura e escrita.

Referências bibliográficas

- BRAGA, S. M. *Remediação da leitura: Um estudo com escolares de 1º grau utilizando a técnica Cloze*. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1981, 101p. (Dissertação).

- CÁRNIO, M. S. *Leitura e Desenvolvimento da estrutura frasal a nível da escrita em deficientes auditivos: Estudos com a técnica de Cloze*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1986, 248p. (Dissertação).
- CÉSAR, C. C. Na casa velha da praia. In: MARQUES, Y. *A mágica da Comunicação*. São Paulo, Nacional, s/d, v. 3, p. 70.
- CRANDALL, K. F. Reading and writing skills and the deaf adolescent. *The volta review*, 80: 320-332, 1978.
- GIBSON, E. J. and LEVIN, H. *The psychology of reading*. Cambridge, M. A., MIT Press, 1975.
- KAZMIERSKI, P. R. *The effects of the Cloze procedure upon the literal understanding of text materials by post secondary deaf students*. Syracuse, University of Syracuse, 1973, 149 p. (Doutorado).
- KIBBY, M. W. Intersentential processes in reading comprehension. *Journal of reading behavior*, 12(4): 299-312, 1980.
- KOPKE FILHO, H. *Criatividade em redações e inteligibilidade de textos: Um estudo quase experimental com alunos de 5ª série usando a técnica de Cloze*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1981, 165 p. (Dissertação).
- MARINI, A. *Remediação da leitura e inteligibilidade de textos: Estudos contrastivos*. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1980, 240 p. (Dissertação).
- MELLO, M. T. O. P. *Elaboração e teste de um material de história do Brasil: Aspecto vocabular e figurativo*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1980. (Dissertação).
- MOLINA, O. *Quem engana quem? Professor x livro didático*. Campinas, Papirus, 1987.
- MOORES, D. F. An investigation of the psycholinguist functioning of deaf adolescents. *Exceptional children*, 36(9): 645-652, 1970.
- RILEY, J. D. Progressive Cloze as a remedial technique. *The reading teacher*, 36(6): 576-581, 1986.
- ROBBINS, N. J. and HATCHER, C.W. The effects of syntax on the reading comprehension of hearing impaired children. *The volta review*: 105-115, feb/march, 1981.
- SARACHAN-DEILY, A. B. Hearing-impaired and hearing reader's sentence processing errors. *The volta review*: 81-93, feb/march, 1982.
- TAYLOR, W. L. 'Cloze' readability scores as indices of individual differences in comprehension and aptitude. *Journal of applied psychology*, 41(1): 19-26, 1957.

TEBALDI, N. M. *Aspectos sintático-semânticos do desempenho lingüístico escrito de alunos de 5ª série de 1º grau com audição normal e de alunos com deficiência auditiva: Um estudo comparativo*. Porto Alegre, Instituto de Letras e Artes da PUC-RS, 1981, 154p.

VAN UDEN, A. The importance of reading in language acquisition. In: ———. *A world for deaf children: Part 1: Basic Principles*. 3ª ed. Amsterdam, Swets & Zeitlinger, 1977, p. 150-169.